

ENCONTRO DE PREFEITOS DE APOSTOLADO CMFF

NOVAS PERSPETIVAS, NA MISSÃO

José Cristo Rey García Paredes, cmf

13 setembro 2020

Queridos irmãos! Antes de mais, uma saudação muito cordial!

Agradeço ao P. Artur Teixeira o convite que me fez para refletir sobre um tema, que me parece de importância vital, no momento que estamos a viver: *Como configurar o nosso serviço missionário, na situação histórica em que nos encontramos, com base nos sinais que Deus manifesta atualmente?* Pois bem, a reflexão que vou apresentar pretende dar resposta a essa questão, e intitulo-a: “NOVAS PERSPETIVAS DA MISSÃO”.

Irei dividir a minha exposição, em quatro partes:

Primeira: A Congregação em saída. Nela, desejo mostrar como os nossos Capítulos Gerais quiseram responder aos sinais dos tempos, em cada momento da renovação, após o Concílio Vaticano II, secundando as diretrizes da Igreja.

Segunda: Os objetivos do Desenvolvimento Sustentável –ODS. As Nações Unidas propuseram-se atingi-los, ao longo de um período de 15 anos, entre 2015 e 2030. A intenção é tornar tais objetivos uma eventual interpelação para cada um de nós.

Terceira: Para uma releitura crente e claretiana dos ODS. Tentarei mostrar em que medida esses objetivos respondem ao plano de Deus sobre a história humana e aos sinais do Espírito, e de que forma podem ser também assumidos pela nossa missão carismática.

Quarta: Novas perspetivas da Missão. Nesta última parte, esforçar-me-ei por explicitar como os *Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável* podem ser integrados na aportação carismática que prestamos à Missão de Deus, e quais as consequências que daí derivam.

Após esta apresentação, passo ao primeiro tema, que contém diversas alíneas: Os passos dados pelo Concílio, e outro que procura uma viragem diferente.

I. CONGREGAÇÃO, EM SAÍDA

1. Passos pós-conciliares

A nossa Congregação não parou em nenhum momento histórico. Encetou sempre passos em frente. Recordemo-los:

- Refletiu sobre a sua *identidade carismática e o seu património espiritual*, após o Concílio Vaticano II - Capítulo de 1968.
- Redescobriu e potenciou a *dimensão comunitária* - nas comunidades, estruturas e formas de governo - CG 1973.
- Centrou-se nas *opções missionárias*, plasmadas no documento MCS (Missão do Claretiano hoje) - CG 1979.
- Debruçou-se, posteriormente, sobre a *pessoa do claretiano*, mas não num prisma individualista, mas intercultural e missionário, e apressou-se a levar a cabo um grande investimento congregacional, especialmente na Ásia e em África - Capítulo de 1985.
- Levou a cabo capítulos gerais que puseram em destaque aspetos fundamentais do nosso carisma missionário: servidores da Palavra, a dimensão profética, a atenção à vida, Homens que ardem em caridade, Testemunhas e Mensageiros.

2. É possível dar um passo mais? Em que direção?

Interrogamo-nos, hoje: onde é possível ouvir a voz do Espírito Santo, ao iniciarmos a segunda década de 2000? Surge uma proposta, que nos pode deixar algo surpreendidos. Tudo começou, aquando da iniciativa de possuímos uma representação na ONU, que atualmente nos interpelou com os *Objetivos para desenvolvimento sustentável* (ODS): São 17 objetivos, que se desdobram, depois, em 169 metas, que se devem avançar antes de 2030.

Pode parecer uma coisa estranha, e até escandalosa, que Missionários, servidores da Palavra, como nós, nos questionemos sobre a forma de integrar, nos nossos ministérios, os 'Objetivos do Desenvolvimento Sustentável' para o ano 2020, da ONU.

- *É possível que muitos claretianos pensem que este tema tem pouco, ou quase nada, a ver com o nosso ministério.* Dado que o que nos caracteriza é a evangelização, o trabalho pastoral e sacramental, a atenção e o acompanhamento das comunidades cristãs, e não os 'Objetivos do Desenvolvimento Sustentável'. Porventura, não estaremos a trocar a nossa visão espiritual por uma perspetiva laica e materialista?

- *Outros, pelo contrário, talvez achem que a nossa maior preocupação, neste momento, deveria ser a sobrevivência, no seio de uma situação dramática: Que fazer, para não desaparecermos como missionários claretianos, na Europa e nas nações deste continente, na América do Norte e no Canadá, e também, em certa medida, na América Latina? Portanto, a nossa principal preocupação deveria incidir na pastoral vocacional e no reajustamento das nossas comunidades, a fim de poderem receber e integrar novas vocações. Pouco aproveitaria projetar novos horizontes de missão, se o número de claretianos diminuir e os restantes claretianos se tornarem cada vez mais idosos e, supostamente, menos aptos para enfrentar o tema dos ODS.*
- *Há, também, quem pense que a nossa missão não é, nem deve ser, política. Daí que não devam ser as instituições laicas e políticas a indicar-nos o que devemos fazer. Bastar-nos-iam as exortações da Igreja, os incitamentos do magistério eclesiástico, as propostas evangélicas, os sonhos dos profetas e dos apocalípticos, em vez dos objetivos laicos, traçados para 2030.*
- *Em todo o caso, também é certo que, nestes últimos tempos, os nossos capítulos gerais procuraram desenvolver, dentro do panorama amplo do nosso carisma claretiano, tudo o que se enquadrasse na opção pelos mais pobres, marginalizados e descartados, as periferias e a integridade da criação. E os 'Objetivos do Desenvolvimento Sustentável' inserem-se nesta linha, embora a especifique e concretize em âmbitos multifacetados.*

Por cauda desta reunião 'on-line' de Prefeitos de apostolado, levanta-se a questão, que, inevitavelmente, vai aparecer também no próximo, e quase iminente, Capítulo General:

- *Será este o itinerário que o Espírito nos propõe e nos pede que sigamos, como "Congregação missionária, em saída"?*
- *E se o for, que posição devemos tomar, como missionários claretianos, perante os 'Objetivos do Desenvolvimento Sustentável'?*
- *Deveremos inseri-los na perspetiva e na orientação da nossa missão, ou vamos continuar a palmilhar o nosso próprio ritmo, confiando esse desafio a outros?*

Para responder a estas perguntas, quero ventilar três reflexões interligadas:

- *Em ordem a uma leitura crente das propostas dos ODS.*
- *Os ODS e o nosso carisma claretiano.*

- *Propostas para a reconfiguração missionária da Congregação.*

Passamos, agora, ao segundo tema, que dispõe de três itens: *os Objetivos; os seus desafios e metas, e os motivos de esperança*

II. OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

1. Os 17 objetivos do 'Desenvolvimento Sustentável'

Os 'Objetivos do Desenvolvimento Sustentável' (Objetivos mundiais), adotados, em 2015, por todos os Estados Membros, eram, e são, muito ambiciosos. Pretendem mobilizar todos os povos, grupos humanos e pessoas do planeta terra, para *atitudes que contribuam para erradicar a pobreza e proteger o meio ambiente da nossa mãe-terra, porque "é possível outro mundo"*.

Eu sintetizaria os 17 objetivos - que têm como limite temporal 2030 (ou seja, 9 anos, a partir do final deste) - em sete verbos: acabar, reduzir, combater, proteger, garantir, promover-favorecer e construir:

- *Acabar*: com a pobreza e a fome.
- *Reduzir*: a desigualdade.
- *Combater*: a alteração climática e a desertificação; parar a desagregação da terra e a perda da biodiversidade
- *Proteger*: os ecossistemas terrestres e o seu uso sustentado, as florestas, os oceanos, os mares e os recursos marinhos,
- *Garantir*: uma *vida* saudável e o bem-estar a todos, e em todas as idades; a *igualdade de género* a força das mulheres e das crianças; a *educação* inclusiva equitativa e de qualidade; e as oportunidades de *aprendizagem*, ao longo da vida de todos; que as *cidades e as instalações humanas* sejam inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis; que haja *água e saneamento* para todos; *energia* fiável, sustentável, moderna e acessível a todos; *padrões testados de produção* e de consumo.
- *Promover*: o *crescimento económico* inclusivo e sustentável; o *emprego total* e produtivo; o *trabalho* decente para todos; *sociedades pacíficas e inclusivas*; o *acesso à justiça* para todos; a *industrialização* inclusiva.
- *Fortalecer e construir* os meios de implementação, e revitalizar a *solidariedade global* para o desenvolvimento sustentável e

infraestruturas resilientes; fomentar a inovação e construir, a todos os níveis, instituições eficazes, responsáveis e inclusivas.

2. Desafios e metas

Portanto, é feito aqui um apelo universal, para dar resposta a quatro grandes desafios: 1) Pôr fim à pobreza, 2) Proteger o planeta, 3) Garantir que todas as pessoas, em 2030, usufruam de paz e de prosperidade, 4) Forçar o mundo a atingir vários “zeros”, que possam alterar o padrão da vida: o da pobreza, o da fome, o da SIDA, o da discriminação contra as mulheres e meninas, não deixando ninguém ao abandono.

E, deste conjunto, fluem 169 metas, que é preciso implementar, em relação ao ser humano¹, ao meio ambiente², à economia³ e às instituições políticas e sociais⁴.

Os 17 ODS estão interligados entre si: há três áreas que estão unidas: a económica, a social e a ambiental; a intervenção, que se faça em cada uma delas, afeta as demais; todas as áreas juntas e harmonizadas contribuem para o equilíbrio entre as três dimensões do desenvolvimento sustentável: meio ambiente, sociedade e economia.

3. Por que motivo se usa a palavra “sustentável”?

O que “não é sustentável” vai conduzir-nos ao caos. À destruição. O “não sustentável” preanuncia a catástrofe que há de vir. O “sustentável”, pelo contrário, indica-nos a precaução. Se o disséssemos, por palavras teológicas, seria: o sustentável apela-nos à “providência”, à “pre-caução”, à pre-visão. A loucura capitalista e o desejo desenfreado das riquezas levar-nos-ão à destruição do planeta e ao empobrecimento da humanidade.

A sustentabilidade, traduzida na nossa linguagem religiosa, tem muito a ver com a Providência de Deus. A providência foi entendida como a “criação continuada”: ou seja, como o cuidado de tudo o que foi criado. Deus é

¹ Trata-se da melhoria urgente, no campo da saúde, da educação, da justiça e da qualidade de vida .

² Refere-se à preservação e conservação, proteção dos bosques e da biodiversidade, uso sustentáveis dos recursos ambientais criação de efetivos projetos de ação contra as alterações climáticas.

³ Tem em conta o modo de utilizar os recursos naturais, para que não se esgotem: a forma como proceder na produção e na gestão dos resíduos, no consumo da energia, etc.

⁴ Os ODS exigem o seu empenhamento sério, para porem em prática este projeto.

providente. Mas é-o, através da nossa colaboração e do nosso “concurso”. A providência assenta em três suportes:

- *Sustentatio*: preservar tudo, para que não desabe no nada, na aniquilação.
- *Gubernatio*: esforçar-se por tratar de toda a realidade criada.
- *Concursus*: fazer que convirja, as diversas causas eficientes ou interações.

A fé na providência começou a perder-se, no séc. XVIII. Porém, essa forma de falar permanece e reapareceu, hoje, no vocábulo “sustentabilidade” ou “o sustentável”. Na linguagem teológica, deveríamos adotar a expressão: “Cumplicidade com o Espírito criador e providente”.

4. Motivos para ter esperança

Deus continua a ser providente, graças a tantas pessoas de boa vontade, que povoam o nosso mundo. Por isso, há razões para ter esperança, porque, de acordo com os dados-chave dos ODS, desde 1990:

- Mais de 1.000 milhões de pessoas superou a pobreza extrema.
- A mortalidade infantil foi reduzida para mais de metade.
- O número de crianças, que não frequentam a escola, desceu para mais de metade.
- As infeções, por VIH/SIDA, baixou para quase 40% (desde 2000).

Para conseguir tais objetivos, é necessária a contribuição de *todos* e, sobretudo: criatividade, conhecimento, tecnologia, recursos financeiros. E, deste “*todos*”, deve fazer parte a Igreja e, naturalmente, a **nossa Congregação de Missionários**.

Ultimadas as reflexões anteriores, é imprescindível dar um passo mais, a terceira parte, que intitulo: *Para uma leitura crente e claretiana dos “ODS”*. Dentro deste apartado, contemplo três cláusulas: *A atenção aos sinais dos tempos; Nós, discípulos-missionários, neste contexto; e a releitura do texto constitucional*. Portanto:

III. PARA UMA LETURA CRENTE E CLARETIANA DOS “ODS”

Podemos agora colocar a seguinte questão: os ODS podem ser integrados na missão da Igreja, e na Missão da nossa Congregação de Missionários Claretianos?

1. A atenção aos sinais dos tempos

Jesus ensinou os fariseus e os saduceus a discernir os sinais dos tempos, quando Lhe solicitaram um sinal (Mt 16,1-4). O papa S. João XXIII, quando convocou o Concílio Vaticano II, afirmou:

“Fazemos nossa a recomendação de Jesus, sobre a necessidade de reconhecer os sinais dos tempos»⁵

E, em seguida, a constituição pastoral *“Gaudium et Spes”* do Concílio Vaticano II incitou-nos a “escutar os sinais dos tempos, a interpretá-los à luz do Evangelho, e a reconhecer e compreender o mundo em que vivemos – os seus desejos e sonhos, no contexto das suas alternâncias dramáticas – para respondermos, com uma linguagem perceptível, a cada geração”⁶. E, no nº 11, a Constituição acrescentava que o Espírito Santo enche todo o universo e estimula também o povo de Deus a discernir, nos acontecimentos, os sinais verdadeiros da presença dos planos de Deus⁷.

Se consultarmos agora o magistério social da Igreja, particularmente o papa Francisco (a exortação apostólica *“Evangelii Gaudium”* e a encíclica *“Laudato Sii”*, e estou certo que também o próximo documento, já preparado, *“Todos somos irmãos-as”*), verificamos que existe uma sintonia admirável entre os ODS e o magistério eclesial contemporâneo.

2. Nós, discípulos-missionários claretianos, neste contexto

Como discípulos-missionários, somos alimentados pela luz e pela força do Espírito Santo⁸; e, graças a Ele, podemos distinguir o que é fruto do Reino de Deus, e aquilo em que os supostos planos contemporâneos de Deus não concordam. Por isso, queremos deixar-nos conduzir pelo movimento do Espírito, em ordem ao bem e a rechaçar os espíritos do mal.⁹

Com o andar dos anos do pós-Concílio, fomos aprendendo a ver que os sinais dos tempos não são apenas os sinais de Deus no nosso tempo, mas

⁵ *Humanae salutis*, constituição apostólica de São João XXIII, que convocou o Concilio Vaticano II.

⁶ GS, 4.

⁷ «O Povo de Deus, movido pela fé, que o impele a acreditar que quem o conduz é o Espírito do Senhor, que enche todo o universo, esforça-se por *discernir os acontecimentos, as exigências e as aspirações. em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus ...*» GS, 11. O Espírito recorda-nos, hoje, os ensinamentos de Jesus (Jo 14,26), dá, como nós, testemunho sobre Jesus (Jo 15,26), guiará os discípulos para a verdade plena e anunciar-lhes-á o que há de vir (Jo 16,13). Jesus, ao enviar os discípulos em missão, comunica-lhes o Espírito (Jo 20,21-22).

⁸ Cf. *Evangelii Gaudium*, 50.

⁹ Cf. *Evangelii Gaudium*, 51.

também, e sobretudo, “os sinais do Espírito”. E tudo isso brota da convicção de que o Espírito Santo é o grande protagonista da Missão de Deus, depois da Missão de Jesus. O Espírito de Jesus e do Pai sabe todas as línguas, está presente em todos os seres humanos, “fala através dos profetas” e também por meio dos grupos humanos proféticos, que proclamam que é possível estabelecer outro mundo.

É esta a profecia do Espírito, que atualmente nos interpela, a partir de um lugar tão qualificado como o são as Nações Unidas, com os seus ‘Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável’. Eles levam-nos a sonhar com uma humanidade sem fome, sem pobreza, sem discriminação da mulher, sem deterioração do meio ambiente (mares, rios, águas, ar). Não são estes, afinal, os novos sinais do Espírito, que nos fazem descobrir a vontade de Deus Criador? Não constitui uma evidência do Espírito o facto de, em vez de propostas de guerra mundial, o programa universal – secundado por tantas nações - apostar não só na paz, mas sobretudo no parto de um mundo ‘novo’, sem pobreza, sem fome, sem discriminações, num planeta cada vez mais belo, limpo e cuidado?

Diz-se que, “quando se sonha o impossível”, alcança-se o imprevisível. Neste horizonte, os missionários claretianos – já no umbral de um novo Capítulo Geral - devem interrogar-se se podem reinterpretar a sua missão carismática, à luz do magistério eclesial contemporâneo e dos ‘objetivos do desenvolvimento sustentável’. Como configurar o nosso serviço missionário de Mensageiros e Testemunhas da alegre notícia do Evangelho, neste novo contexto?

3. Releitura do texto constitucional

As nossas Constituições renovadas assinalam o caminho:

“Procuraremos prestar estreita colaboração a todos os que buscam, a transformação do mundo, segundo o desígnio de Deus. Devemos anunciar a Boa Nova do Reino, com fidelidade e fortaleza, especialmente quando tantos a ele se opõem, levados pela ambição do poder, o afã das riquezas ou a ânsia dos prazeres” (CC, 46).

O objetivo do nosso ministério carismático da Palavra é “a transformação do mundo, segundo o desígnio de Deus”. Fazer com que o mundo adquira a “forma” do Reino de Deus, proclamado e inaugurado por Jesus. Estamos conscientes de que nos toca uma pequena porção, entre tantas pessoas que se comprometeram com este projeto. É evidente que o grande agente do Reino continua a ser o Senhor Ressuscitado, que atua através do seu Espírito Santo.

A nós, foi-nos concedido participar também nesta empresa transformadora, como “arautos”, “profetas” e “testemunhas” da Palavra, que explicam e apontam o sentido da história. *Somos agentes de transformação, mediante o serviço da Palavra.* Outros são-no também, de variadas maneiras: jornalistas, artistas, cronistas, atores e atrizes do cinema ou do teatro, através da representação simbólica, pensadores e filósofos. Queremos encontrar o nosso espaço, no seio dos processos de transformação! E temos consciência de que Jesus exerceu o ministério da Palavra, servindo-se de discursos, parábolas, milagres e estilo de vida¹⁰.

Temos de confiar na força impressionante da Palavra, que nos foi comunicada, e que é a “demonstração do Espírito e do poder de Deus” (1 Cor 2,4-5). As palavras que devemos pronunciar foram palavras “ensinadas pelo Espírito” (1 Cor 2,13); ora, uma “força tão extraordinária provém de Deus, e não de nós” (2 Cor 4, 1.7). Por isso, devemos ser fortes e vencer a timidez, os medos e os nossos complexos. Um exemplo disso vemos no nosso irmão Pedro Casaldàliga, que se manteve fiel à Palavra, em todas as circunstâncias. Nunca se deixou levar pela cobardia. Esta impede-nos de proclamar a Palavra, precisamente onde ela mais necessária é. Ela cala a boca de Deus. Jesus, João Batista, Estêvão e Paulo foram “os mártires da Palavra”, porque a anunciaram sem medo (Filp 1, 13-14). E mais: a um filho do Coração de Maria, “nada o detém”.

É-nos solicitado que instalemos o ministério da palavra onde se encontra o Reino, na matriz do mundo novo. Como claretianos, não podemos viver como indiferentes a este momento histórico, que alguns qualificam como a terceira revolução industrial ou como a sociedade de custo marginal ‘zero’ (Jeremy Rifkin), ou como a surpreendente e decisiva história dos próximos vinte anos, e, portanto, um momento de decisões transcendentais para o futuro da humanidade (Jacques Attali).

E depois deste penúltimo ponto, enveredo já pelas consequências, a que dei o título de “Novas perspectivas de Missão”. E, neste enfiamento, à mudança de perspectiva nas nossas Constituições, à alteração de época e às suas exigências, bem como a uma última e importantíssima questão: *Estamos preparados e seremos capazes de acolher a “visão” do Espírito dos sete olhos?*

¹⁰ Cf. C.M.F. *O nosso projeto de vida missionária. Comentário às Constituições. II. Constituição fundamental e primeira parte*, Missionários Claretianos, Roma, 1991, pp. 663-667.

IV. NOVAS PERSPETIVAS DA MISSÃO

Embora pareça adequada a visão que até agora gizámos, o certo é que é imprescindível re-inventar-nos, pelo menos, onde for necessário, como missionários, servidores da Palavra.

1. A mudança de perspectiva, nas nossas Constituições

Nas Constituições de 1857, falava-se dos “meios, de que se hão de servir os missionários, para a salvação das almas” (cap. 10). Nas Constituições de 1865, dizia-se que objetivo da nossa Congregação era “a salvação das almas do mundo inteiro, através do ministério da Palavra”. O texto último das Constituições já não fala da “salvação das almas”, mas de “procurar, em tudo, a salvação dos homens de todo o mundo, segundo o nosso carisma missionário, no seio da Igreja” (CC, 2), ou de “anunciar aos homens o mistério total de Cristo” (CC, 46).

Escutamos, hoje, ‘slogans’ já muito badalados: “Salvemos as Crianças”, “Salvemos a Palavra”, “Salvemos o Planeta”, “Salvemos a Hospitalidade” Está a ser recuperada a palavra “salvação”. Para nós, missionários claretianos, é uma oportunidade que o Espírito nos proporciona.

A fim de estarmos à altura dos sinais do Espírito no nosso tempo, atrever-me-ia a assinalar os seguintes questões:

2. A alteração de época e as suas exigências

Hoje fala-se de uma mudança de época, que implica uma nova consciência de um novo ‘ethos’ no ser humano, para um futuro mais humano e de uma nova visão da missão.

- *Uma nova consciência.* Está-se a impor, na humanidade, uma crescente consciência de que somos “espécie humana”. A pandemia, de que estamos a ser alvo, mostra-nos que somos “espécie humana”. A consciência humana está a expandir-se. Fala-se hoje das *quatro expansões da consciência*: desde a consciência tribal à consciência nacional, passando pela consciência trans-nacional, até chegar à consciência planetária. Cada vez tomamos mais consciência da nossa cidadania planetária. É isso que revelam e promovem os ODS.
- *A caminho de um novo ‘ethos’.* Como construir um futuro mais humano, e menos hominídeo? Toda a informação veiculada pelas diversas sociedades, etnias e culturas, que sobreviveram, deverá ser posta ao serviço do conjunto da sociedade, para desembocarmos criticamente na

planetarização. Precisamos de pôr em marcha a práxis ética da espécie humana. O século XXI atingiu grandes potencialidades de transformação planetária. A ética não abarca apenas o âmbito puramente humano. As nossas obrigações éticas são muito mais amplas: têm de chegar até aos limites da biosfera: opção-terra. Os ODS revelam-nos que a nossa ética diz respeito ao âmbito social, biológico, genético e ecológico. A nossa responsabilidade ética estende-se, agora, não só à geração humana contemporânea, mas, especialmente, às gerações futuras e ao porvir do nosso planeta.

- *O campo da educação mundial* converte-se, para nós, num imenso laboratório de Missão, onde experimentamos e testamos a validade das nossas ações pastorais e missionárias. Temos de reconhecer o nosso fracasso em bastantes membros da Igreja, quando pensamos na vida e na visão do mundo. E, contudo, reconhecemos agora que nos toca, nesta nova fase da história humana, ser veículos relevantes e indispensáveis de um *“discipulado transformador, que responda à nova fase da consciência humana”*. À Igreja foi confiado o mandato de *“fazer discípulos”* (Mt 28,18-20).
- *Ao serviço de uma nova cidadania*. Falar de planetarização é também optar pela cidadania mundial. O sonho da *“aldeia global”* e da *“casa comum”* pode tornar-se realidade. Utilizamos cada vez mais termos, que no-lo recordam: ecologia, economia, ecumenismo e, também, cidade, política, civilização. Na encíclica *Lumen Fidei* e na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, aborda-se uma nova cidadania, um novo modelo de sociedade. Sentimo-nos chamados também a colocar a missão numa situação de respeito, em relação às instituições laicas, e de diálogo com elas, e a renunciar a atitudes dogmáticas ou presunçosas.

3. Estamos preparados? A visão, com os “sete olhos do Espírito”

Não é fácil pôr em prática a arte de anunciar Evangelho, num mundo em mudança, para o qual não nos sentimos ainda preparados. Evangelizamos, sendo também nós mesmos evangelizados, através do Espírito que age nos outros e através deles. Acabou já o nosso exclusivismo protagonista. A missão já não é tanto *“ad gentes”*, mas *“inter gentes”*; deixou de ser intransitiva, para se tornar transitiva.

A missão, neste novo contexto, exige de nós que regressemos às origens da Igreja do novo Testamento, e que recuperemos a visão apocalíptica do Espírito, a teologia da criação e um novo ritualismo ou liturgia cósmica.

- *A visão apocalíptica do Espírito.* O Apocalipse 5,6 fala-nos dos sete olhos do Cordeiro, que são os sete espíritos de Deus, enviados por todo o universo¹¹. O Espírito Santo é aqui contemplado como a “visão perfeita”. É o Espírito que habita entre nós, na terra da missão. E para participarmos nela, necessitamos igualmente da visão “total”, “perfeita”, que ninguém possui. Temos de pôr em comum, e quanto mais melhor, as nossas visões limitadas. Sem visão, a missão é cega, e os líderes, também! De que nos serve preocupar-nos, se não sabemos a causa, a finalidade, nem a direção a tomar? De que aproveita servir-nos de uma missão repetitiva e programada apenas pelas nossas curtas visões, que se aplica, dando pauladas a torto e a direito, mas sem ter capacidade transformadora? Por isso, o nosso grande desafio consiste em saber como comunicar, hoje, com o Espírito de Deus. *Necessitamos de fazer uma conversão à Pneumatologia.* A graça vai-nos chegar, através de pessoas visionárias, que, às vezes, não fazem parte dos nossos círculos. Outras vezes, vivem entre nós. Há que escutá-las e discernir o Espírito que dá alento. O Espírito tem “sete olhos” e atua em todo o universo.
- *A teologia da criação.* Prevaleceu, entre nós, a teologia da redenção. Por isso, temos falado muito de pecado, de salvação e condenação, e dividido a comunidade humana em seres que estão “na graça de Deus” e seres no “pecado”. A teologia da criação abre-nos horizontes novos e sugere-nos uma ética muito mais abrangente. Precisamos de entrar na eco-teologia. A encíclica ‘Laudato Sií’ traçou-nos esse caminho.
- *Novos ritos, ou liturgia cósmica.* A nossa liturgia tem também de ser reinventada, numa época nova. Não se trata de delapidar a nossa grande tradição, mas de encontrar formas novas de fazer da Liturgia um local de encontro, onde a teologia da criação se possa exprimir, onde a nova consciência se manifeste com mais vigor, onde se crie uma comunidade não só local, ou individual, mas, sim, comunidades criativas. Já

¹¹ “Então, vi no meio do trono, dos quatro seres viventes, e entre os anciãos, um Cordeiro de pé, como que imolado. Tinha sete chifres e sete olhos (ὀφθαλμοὺς ἑπτὰ), que são os sete Espíritos de Deus (ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ), enviados a toda a terra (ἀπεσταλμένα εἰς πᾶσαν τὴν γῆν)”.

sabemos que os ritos fomentam as comunidades. Necessitamos de liturgias, onde se celebre a 'grande conexão espiritual' e cósmica.

E finalizo, por aqui, a minha reflexão. Creio que os ODS nos facultam uma grande oportunidade para reconfigurarmos melhor o processo missionário, que tem formatado a nossa missão no mundo. Precisamos da "conversão pastoral e missionária" que nos solicita a "Evangelii Gaudium", mas também de "caminhos" e de "processos" para a implementar. Os ODS fornecem-nos o ensejo de nos repensarmos e re-inventarmos, neste tempo, que nos balanceia para o ano de 2030.